

## O INTERDISCURSO VIOLENTO NAS NOTÍCIAS DO UNIVERSO LGBT

Ariel Sessa<sup>1</sup>  
Micheline Mattedi Tomazi<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é analisar como a violência verbal se manifesta em comentários postados por internautas do site UOL em relação interdiscursiva com a notícia jornalística intitulada “*Série de livros com posfácio de Jean Wyllys leva universo LGBT a crianças*”, do jornalista Rodrigo Casarin. Utilizamos o aporte teórico da proposta sociocognitiva da Análise Crítica do Discurso (ACD), de van Dijk (2010, 2011, 2012), dando ênfase às noções dos modelos de contexto e do quadrado ideológico da polarização, em diálogo com as noções de violência discursiva no quadro teórico apresentado por Amossy (2017). A metodologia utilizada é qualitativa e interpretativa e o *corpus* é composto por 13 comentários, sendo dois deles escolhas do autor da notícia jornalística e os demais enquanto seus desdobramentos. Os resultados apontam para o surgimento de um novo lugar circunstanciado para a violência verbal como forma de manutenção de uma ideologia dominante.

**PALAVRAS-CHAVE:** Violência Verbal. Interdiscurso. LGBT. Análise Crítica do Discurso.

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to analyze how verbal violence manifests itself in comments posted by UOL website visitors in an interdiscursive relation with the journalistic news entitled "Jean Wyllys' series of books with a postulate of the LGBT universe to children", by journalist Rodrigo Casarin. We use the theoretical contribution sociocognitive proposal of Critical Discourse Analysis (CDA) of van Dijk (2010, 2011, 2012), emphasizing the notions of context models and the ideological square of polarization, in dialogue with the notions of discursive violence within the theoretical framework presented by Amossy (2017). The methodology used is qualitative and interpretive and the corpus is composed of 13 comments, two of them being the author's choice of journalistic news and the others as their unfolding. The results point to the emergence of a new place for verbal violence as a way of maintaining a dominant ideology.

**KEYWORDS:** Verbal Violence. Interdiscourse. LGBT. Critical Discourse Analysis.

### Introdução

O tema da violência verbal ganhou, na atualidade, grande relevância e está presente em pesquisas linguístico-discursivas que levam em conta corpora de diversos gêneros discursivos, principalmente com o apoio da Retórica Argumentativa Discursiva, de Amossy (2017). No

---

<sup>1</sup> Secretário Executivo da Universidade Federal do Espírito Santo e Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística pela mesma instituição. E-mail: [arielsessa@gmail.com](mailto:arielsessa@gmail.com).

<sup>2</sup> Professora adjunta IV do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da mesma instituição. E-mail: [michelinetomazi@gmail.com](mailto:michelinetomazi@gmail.com).

entanto, apesar de o tema estar em voga, não encontramos uma análise mais aprofundada desse tipo de violência em discursos midiáticos sobre a comunidade LGBT<sup>3</sup> nas pesquisas acadêmicas. A maior parte dos estudos sobre violência verbal<sup>4</sup> sobre esse tema toma como objeto de pesquisa as redes sociais como o Facebook, o Twitter e o YouTube. Todavia, não há significativas pesquisas sobre os grandes sites de notícias compreendidos por empresas compostas por grupos jornalísticos e conglomerados privados neoliberais que, por serem os percussores da democratização dos conteúdos, como a liberação de fóruns de discussão de notícia. Ocorre que agora essa mídia tradicional passou a promover o velamento da violência verbal, sem, contudo, extingui-la.

Tal aprimoramento linguístico levou estudiosos como Ruth Amossy a pesquisarem a violência verbal e a caracterizá-la além das palavras de baixo calão e da incitação direta à violência física, tão relacionadas pelo senso comum como as únicas formas de violência verbal. Amossy (2017) apontou esse tipo de violência discursiva por meio de marcas linguísticas mais profundas e polidas, as quais servirão para a análise neste trabalho.

Para compreendermos o contexto circunstancial e espacial que propiciou o uso da violência verbal dentro dos discursos polarizados intergrupais nas questões que envolvem o universo LGBT dentro dos espaços de mídia, utilizaremos, em diálogo com a proposta de Amossy (2017), as estruturas do discurso de van Dijk (2016). Outras teorias estarão relacionadas para o enriquecimento desta breve análise que se pretende se desenvolver em outros trabalhos acadêmicos e, assim, abrir mais caminhos para outras pesquisas de mesmo cunho.

Para o desenvolvimento deste artigo, distribuiremos o desenvolvimento do texto em breves seções que tratarão da violência verbal produzida a partir das notícias do universo LGBT: o porquê da violência verbal contra a essa comunidade; a função engajadora da Análise Crítica do Discurso (doravante ACD) diante dessa temática; a metodologia a ser aplicada, assim como o *corpus* a ser selecionado; o referencial teórico abarcado dentro da ACD; a análise

---

<sup>3</sup> LGBT é a sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros. Também pode ter a variante como LGBTTT, LGBTQ (para a inclusão daqueles que se identificam como Queer), LGBTI (Intersexuais), LGBTQI ou LGBTIQ (Queer e Intersexuais), LGBTQIA (Queer, Intersexuais, Assexuados/Simpatizantes) e LGBTQIA+ (o sinal gráfico serve para representar qualquer outra identificação que não esteja entre as demais já associadas).

<sup>4</sup> A violência verbal, segundo Amossy, é caracterizada por um conjunto de parâmetros que alimentam o confronto de teses.

propriamente dita e as considerações finais, sem contar com as referências utilizadas no decorrer do trabalho.

Utilizaremos como *corpus* para análise amostras de comentários produzidos a partir da notícia intitulada *Série de livros com posfácio de Jean Wyllys leva universo LGBT a crianças*, do jornalista Rodrigo Casarin<sup>5</sup>, veiculada no site UOL, publicada no dia 12/04/2016, sendo, dois deles escolhas do jornalista e os demais seus desdobramentos.

### **A violência verbal produzida a partir de notícias do universo LGBT**

É muito comum observarmos comentários ofensivos ou agressivos a partir das notícias publicadas sobre assuntos relacionados à comunidade LGBT no universo da internet. Os registros linguísticos sobre essa temática considerados mais violentos, sem qualquer polimento, desvelados em relação às ideologias de seus enunciadore, são encontrados comumente nos comentários nas redes sociais, como Facebook, Twitter, YouTube etc., esses considerados como o *locus* de socialização mais democrático dentro da internet, e nos pequenos sites de notícias que consideram vantajoso o uso da violência verbal desmascarada como forma de manutenção de sua visibilidade. Todavia, há uma tendência de censura nos comentários encontrados nos grandes sites de notícias no Brasil, mesmo sem uma lei específica anti-homofóbica. Esses comentários mais polidos e melhor construídos, em nosso entendimento, não se diferenciam ideologicamente daqueles considerados vulgares. De certa forma, há um aprimoramento no discurso de manutenção de poder nesses comentários, o que os tornam ainda mais ardilosos, tendo em vista que a argumentação passa a buscar estratégias de convencimento além da homofobia latente e inquestionável.

A internet, sem dúvida, contribuiu para uma mudança nas práticas comunicativas e hoje configura um espaço fecundo para a construção de discursos, sejam eles de ordem de grupos dominantes ou advindos dos grupos daqueles considerados dominados ou minoritários. Nesse contexto de interfaces de um mundo hoje considerado globalizado em que as mídias, enquanto plataformas digitais majoritariamente compreendidas por empresas particulares neoliberais com vias democráticas de socialização, permitem relações estreitas interpessoais pelo entrecruzamento de ideologias introduzidas discursivamente nestes canais. Há nessa polifonia

---

<sup>5</sup>Segundo informações do Blog Página Cinco, Rodrigo Casarin é jornalista pós-graduado em Jornalismo Literário.

o surgimento das polêmicas<sup>6</sup> oriundas de temas divulgados e por vezes orquestrados pelas empresas de mídia. Na defesa de cada polo discursivo, o uso, frequentemente, da violência verbal surge para o reforço dos posicionamentos atribuídos pelos autores do interdiscurso<sup>7</sup>. Para que a noção de polêmica não esteja integralmente vinculada à violência verbal, Amossy (2017, p. 168), em seu livro *Apologia da polêmica*, diz que não é a violência que faz a polêmica, mas o inverso. Entendemos, sob a perspectiva de Amossy, que o entrecruzamento abrupto de opiniões divergentes, enquanto característica da polêmica, pode levar ao embate por meio do uso da violência verbal. Contudo, a polêmica não necessariamente depende da violência verbal para existir.

A violência verbal pode ser percebida por diversos parâmetros comparativos em relação a outras situações em que o interdiscurso é utilizado. Maingueneau considera a noção de violência verbal “difícil de traduzir em termos linguísticos” (MAINGUENEU *apud* AMOSSY, p. 169). Dessa forma, é necessário analisar as construções interdiscursivas que alimentam as polêmicas e, por meio de comparações apontar a violência verbal imposta, seja ela como demonstração de força, de ridicularização, de desconsideração, de ataque etc. Com base em Amossy (2017, p. 169), entendemos a posição da violência verbal dentro da polêmica quando ela diz: “como registro discursivo, a violência verbal acompanha a polêmica, mas não a estrutura”.

Os comentários dos internautas<sup>8</sup> a partir de textos produzidos em espaços digitais de propriedade de grandes empresas de conteúdo, produtos e serviços de internet, como são os sites de notícias UOL – Universo On Line – do grupo Folha, Terra (grupo Telefônica), Globo.com (empresas Globo) etc., compreendem atualmente este novo gênero, o digital, que remete aos gêneros já consagrados textualmente, e desponta como forma de interação entre atores sociais que se agrupam e se identificam muitas vezes por discursos polarizados nos espaços midiáticos. A atuação desses atores por meio desse novo gênero desvela contextualmente, por meio da prática social, a prática mental de um discurso que leva em conta o tempo de sua produção, o pensamento que permeia esse sujeito de fala e a ação de escrever e se expor ideologicamente (VAN DIJK, 2012, p. 44).

---

<sup>6</sup> A polêmica é considerada por Amossy como uma modalidade argumentativa e não um simples discurso agressivo (AMOSSY, 2017).

<sup>7</sup> Para Maingueneau, o interdiscurso é a construção do discurso a partir de outro já existente.

<sup>8</sup> Neologismo dicionarizado.

## **O porquê da violência verbal contra a comunidade LGBT**

Quando pensamos na condição dos indivíduos brasileiros que compõem a gama identitária LGBT, não basta estarmos no século XXI e considerarmo-nos evoluídos se as práticas sociais e os discursos remetem ao modelo mental binário e patriarcal desenvolvido a partir da disseminação do cristianismo na Idade Média. O construto da identidade dos homossexuais ou de todos os outros seguimentos humanos que compõem os LGBTQIA+ estão ainda semanticamente atrelados ao estigma da anormalidade.

Borges e Rocha-Coutinho (2015, p. 180), no trabalho conjunto desenvolvido e intitulado *Sentidos para a homossexualidade*, afirmam que tal condição é considerada nas sociedades heterossexistas como um desvio de padrão condicionado à marginalidade, mas que nem sempre essa foi a constituição do sentido da homossexualidade. As autoras, em suas pesquisas, ressaltaram a condição oficial das relações homossexuais na Grécia Antiga, assim como a tolerância da homossexualidade na Roma Clássica, duas sociedades consideradas evoluídas culturalmente.

Dessa forma, se a condição de grupo minoritário e marginalizado dos LGBTs foi condicionada culturalmente nos últimos séculos pelas sociedades heterossexistas, não condizendo, portanto, com toda história conhecida da humanidade, compreendemos, com base na ACD, a prevalência do poder social enquanto controlador de um grupo sobre o outro, o que configura abuso de poder (VAN DIJK, 2017, p. 19).

A inexistência de uma lei anti-homofobia brasileira corrobora a emanção livre dos discursos de poder controlador, perpetuados e expandidos na atualidade pelos interdiscursos nos canais midiáticos, que afetam diretamente o grupo LGBT, tanto nos seus direitos civis, quanto em outras áreas mais íntimas do ser, como a liberdade de exercer a sua natureza, os problemas psicológicos causados pela imposição social posta discursivamente de forma livre pelo grupo dominante heterossexista e na própria falta de voz LGBT, ainda que haja muito esforço para a conquista da igualdade.

## **O engajamento da ACD diante da problemática dos interdiscursos negativos relativos à comunidade LGBT**

Nas pesquisas relacionadas ao abuso de poder, violência verbal e dominação intergrupar em que haja desequilíbrio e injustiça social oriunda, neste caso, discursivamente, subjaz, dentro

da perspectiva da Análise Crítica do Discurso, o engajamento do pesquisador no tocante ao desejo de uma sociedade mais justa e equânime.

Trazer e manter à tona estudos relacionados à manutenção de poder heterossexista construídos violentamente nos interdiscursos a partir de notícias veiculadas sobre a temática LGBT nos espaços de mídia jornalística, constituídos estes pelos modelos mentais históricos e situacionais de uma sociedade conservadora, ajuda a combater os desajustes quanto aos direitos civis dentro de uma sociedade tão heterogênea quanto a brasileira. Pretende-se, com a ACD e o *corpus* escolhido para análise, corroborar o desvelamento cultural de uma sociedade despreparada para além do binário padrão patriarcal e propiciar a construção de modelos mentais pessoais ou subjetivos condizentes com a equidade entre os cidadãos, sejam eles héteros, homossexuais, bissexuais, travestis, transgêneros etc.

#### **Acerca da metodologia e do *corpus* a ser analisado.**

Para o levantamento das teorias linguísticas abarcadas pela Análise Crítica do Discurso que dialogarão com um *corpus* discursivo dentro da proposta deste artigo, usaremos qualitativamente os comentários surgidos a partir da notícia intitulada *Série de livros com posfácio de Jean Wyllys leva universo LGBT a crianças*, do jornalista Rodrigo Casarin, do Blog Página Cinco, do site UOL. O texto jornalístico foi publicado no dia 12/04/2016 e até o fechamento deste trabalho contava com 127 comentários. Foram coletadas duas escolhas do autor como amostras de comentários negativos e pejorativos que contrapõem ao teor positivo empregado na notícia, além dos desdobramentos desses discursos por meio dos comentários positivos dos internautas. Essas manifestações servirão para evidenciar a polarização discursiva e a identificação dos grupos favoráveis e contrários não só ao direito de um jornalista, professor universitário, político brasileiro e homossexual de poder contribuir com obras literárias infantis a partir de seu universo sociocognitivo, como também o direito de existir obras infantis que levam o universo LGBT ao “cerne imaculado do imaginário infantil”<sup>9</sup>.

Vale ressaltar que a chamada para o texto de Casarin se desenvolve pouco no decorrer da notícia, pois mais fala sobre os livros produzidos por meio do projeto “Amar Coletânea de Livres Infantis”, sobre seu apoio governamental por meio da Secretaria de Cultura do Estado

---

<sup>9</sup> Aqui entra o pensamento médio da “tradicional família brasileira”, que acredita que criança não pode ter acesso a informações de cunho sexual, homossexual etc.

de São Paulo e sobre sua função social. O destaque para o até então deputado Jean Wyllys pode ser visto como um chamariz para um maior destaque da notícia, na pior das hipóteses ou até mesmo involuntariamente, como um amolador de facas<sup>10</sup> (BATISTA *apud* FERRAZ, p. 81-82), pois a figura do deputado é notoriamente odiada por grupos mais conservadores ou radicais do país. Essas possibilidades são de conhecimento dos jornalistas brasileiros.

A notícia publicada por Casarin não seria considerada polêmica se não estivesse amparada pela *doxa* (AMOSSY, 2017, p. 63) da “tradicional família brasileira”<sup>11</sup>, que a define como tal e contribui para a perpetuação da homofobia por intermédio do discurso violento contraditório a qualquer opinião referente aos assuntos relacionados ao universo LGBT em que conste tom de normalidade ou avanço social, como ocorreu nos comentários desse texto jornalístico.

Com base nas ideologias contraditórias asseguradas pelos modelos mentais dos internautas que se propuseram a interagir na notícia em questão por meio do confronto discursivo, temos, na perspectiva de van Dijk (1992, p. 164), a polarização por dois grandes grupos no contexto social brasileiro: os tradicionais, manipulados cognitivamente pelo poder da elite dominante e, portanto, dotados de memória social baseada historicamente pelos preceitos judaico-cristãos, e os não tradicionais, detentores de experiências pessoais ou de subjetivações que permitem uma interpretação da notícia apontada neste artigo. Tais grandes grupos podem ser divididos e subdivididos, visto o caráter heterogêneo e polifônico nos comentários de notícias veiculadas nas mídias digitais.

Ainda dentro do aspecto da polêmica surgida a partir do texto do jornalista Rodrigo Casarin, Amossy (2017, p. 58) ratifica, com base em Eithan Orkibi, de certa forma, a polarização e os modelos mentais defendidos por van Dijk, quando diz que há na polarização a consolidação da identidade de grupo e essa ação se concretiza por meio da apresentação negativa do grupo oponente.

De toda sorte, há um aspecto positivo quanto ao dialogismo democrático a partir de um tema de importância cultural dentro de uma sociedade com posicionamentos tradicionais, mesmo diante de uma grande diversidade sexual, de uma sociedade com bases rígidas religiosas de cunho judaico-cristão, ainda que o Estado brasileiro se auto intitule laico. Assim, os atores

---

<sup>10</sup> Metáfora para o sujeito do discurso que, ao emitir seus conceitos, ideologias ou qualquer juízo de valor, é cúmplice da violência física ou verbal oriunda de suas afirmações.

<sup>11</sup> Modelo mental de ideal de família criado por grupos hétero radicais.

sociais encontrados nos discursos dos comentários em mídias eletrônicas, promoverão e desenvolverão um debate acerca de um tema até então considerado complexo e polêmico.

Van Dijk (2016), ao considerar o triângulo discurso-cognição-sociedade, colaborará para esta análise, pois se pretende aqui compreender como o comentário negativo reforça e mantém o modelo mental de uma gama da sociedade detentora do poder dominante, que, ao menor sinal de ameaça de sua hegemonia, lança discursivamente sua ideologia alcançada cognitivamente em situações sociais, a heteronormatividade.

### **Os estudos da violência verbal nas mídias como gancho para a Análise Crítica do Discurso.**

Foi percebido pela academia o aumento da violência verbal propagada nos espaços midiáticos, visto a facilidade de amplitude e velocidade com que esses discursos chegam aos internautas, e como esses discursos mantêm e fomentam o poder de grupos dominantes. Dessa forma, pesquisadoras como Ana Lúcia Tinoco Cabral, Anna Elizabeth Balocco, entre outros, passaram a produzir trabalhos sobre esse tipo de violência. Contudo, o volume de trabalhos sobre violência verbal contra a comunidade LGBT nas mídias ainda carece de mais pesquisas.

Para o desenvolvimento desta análise fez-se necessário compreendermos com que natureza a violência é propagada nos fóruns dos comentários de internet. Amossy (2017, p. 173) observou que o mascaramento quanto à identidade dos internautas se tornou uma regra para o confronto de posicionamentos, justamente por acreditarem estar em um ambiente acima da lei. Tais atores sociais não se responsabilizam pelas suas ações, sendo o uso do pseudônimo o escudo para os possíveis processos judiciais.

Os comentaristas das notícias acerca do universo LGBT, principalmente os de ordem contrária, agregam imagens de si como justificativa da homofobia, isto é, assumem papéis de santos inquisidores ou representantes da mais alta “moral e bons costumes” ditados pela cultura judaico-cristã impregnada no meio social e difundida sem qualquer critério realmente valioso, a não ser a permanência da dominância e do poder. Assim, os interdiscursos e seus interlocutores, segundo Amossy (2018, p. 17), ao basear-se do *ethos* na análise do discurso de Maingueneau, promovem nesta inter-relação: locutor (do interdiscurso) e parceiro (aquele que o lê e analisa), por meio da participação “da eficácia da palavra”, da produção da imagem

impactante de um ser legitimado a promulgá-la conseguem, assim, a adesão do discurso, mesmo que se prevalecendo da violência verbal para a obtenção do seu desejo.

Para compreendermos a intencionalidade impregnada nos discursos contrários ao teor da notícia do jornalista Casarin no site UOL, devemos compreender, por intermédio de Foucault (1996, p. 9 – 10), a tentativa de interdição da voz do grupo dominado como forma de manutenção de poder. A interdição, segundo Foucault, está diretamente ligada ao campo da sexualidade e da política. Percebemos, portanto, que o interdiscurso violento nos comentários sobre notícias do universo LGBT e, conseqüentemente, contra essa comunidade é, portanto, uma manutenção do poderio sexual binário e patriarcal que se reflete no campo político. Em se tratando de política, a figura de um deputado gay, como a do até então deputado Jean Wyllys, na chamada da notícia sobre livros infantis, fomenta o discurso violento e polarizado.

Finalmente, para a compreensão do uso dos elementos linguísticos que compõem os interdiscursos considerados violentos, pejorativos e degradantes, interposto por pseudônimos de seres homofóbicos, faz-se importante o uso das categorias de modelo de contexto, ou seja, e aqui pretendidos, os modelos situacionais de comunicação de van Dijk (2012, p. 45) para o entendimento do tipo de comunicação empregada nesse espaço midiático.

### **Análise do *corpus***

Analisaremos abaixo dois recortes com comentários escolhidos pelo jornalista Rodrigo Casarin e seus desdobramentos, numa espécie de jogos de réplica e tréplica. Não foram feitas correções gramaticais, mantendo-os na íntegra, tanto nas situações contra, quanto nas a favor da notícia. Serão apontadas as estruturas discursivas que contenha violência verbal de cunho intergrupar como forma de apontamentos para as duas bases teóricas mais latentes neste trabalho: as estruturas do discurso de van Dijk (2016) e a violência verbal de Amossy (2017).

As escolhas tiveram um propósito: o desvelamento da máscara por trás do ator social homofóbico e pertencente ao grupo social dominante, de ordem binária, patriarcal e heterossexista, que se pronuncia contra a notícia em questão com desculpas, como por exemplo, a culpabilidade da educação ou a tentativa de doutrinação psicológica em crianças, para a manutenção do disfarce não só de sua fobia, mas também para uma tentativa de manutenção do poder dominante.

Dentro das Estruturas do Discurso de van Dijk (2016), ao considerarmos o contexto e, a partir dele, principalmente o espaço e as circunstâncias para a emanção do discurso violento nos interdiscursos baseados em uma notícia jornalística polêmica sobre a temática LGBT, observaremos nos dois quadros abaixo ou mesmo in loco na notícia veiculada no site UOL os elementos que facilitam a construção discursiva violenta com o intuito de manutenção de dominância. Decerto, trata-se de um espaço midiático de grande alcance, rápido, popular e acessível, o que nos remete, em tese, ao Pathos do Enunciatário, de Fiorin (2014).

Portanto, em van Dijk (2016), encontra-se o interdiscurso de forma perfeita para a manipulação mental dentro da triangulação discurso-cognição-sociedade.

Uma abordagem discursiva analítica é apropriada porque a maior parte da manipulação, como nós entendemos essa noção, desenvolve-se através da fala e da escrita. Em segundo lugar, os que são manipulados são seres humanos e isso tipicamente ocorre através da manipulação de suas “mentes”; dessa forma uma abordagem cognitiva também é capaz de esclarecer o processo de manipulação. Em terceiro lugar, a manipulação é uma forma de interação conversacional, e uma vez que isso implica poder e abuso de poder, uma abordagem social também é importante. (VAN DIJK, 2017, p. 233)

A violência verbal apresentada pelos atores sociais contrários à ideia de um tratamento igualitário quanto aos assuntos relacionados sobre o universo LGBT a crianças, que tenha como meio, por exemplo, a literatura, com ampla divulgação desse tipo de ação em notícias publicizadas nos grandes sites, como no caso da matéria do jornalista Rodrigo Casarin no UOL, pode ser vista atualmente, portanto, como polida, sem contudo se descaracterizar enquanto violência discursiva.

Segundo Amossy (2017, p.169–172), a violência verbal acontece de diversas formas: não só pela truculência empregada nas palavras de baixo calão ou na incitação da violência com acusações diretas, mas também na coerção do outro quanto à exposição de um ponto de vista (A); na desconsideração do posicionamento contrário (B); no ataque ao oponente sob acusações de interesses pessoais e planos secretos (C); na assimilação da opinião contrária a sua como um mal absoluto ou demonização (D); e na agressividade configurada pela emoção impregnada através do léxico, da sintaxe ou da prosódia (E). Serão os exemplos analisados sob esses cinco pontos:

Quadro 1

**Escolha do editor**

Maíra Capella

12/04/2016 13h36

Sim, ninguém nasce preconceituoso, mas crianças não têm ainda condições de entender conceitos sofisticados, inferir nem conhecer as diferenças entre o que é moral, imoral, certo, errado etc. Não se dá uma explicação longa e cheia de elementos contraditórios sobre sexo, por exemplo, a uma criança de 6 ou 7 anos. Tudo tem seu tempo e o amadurecimento deve ser espeitado.

50 Responder Respostas (6)



Thiago KOF

12/04/2016 18h47

Entrei para o terceiro grupo (assexual e anti-sexual). Vai falar o que agora, Maíra?

0



Gus\_Zephyr

12/04/2016 15h39

Engraçado que os contos de fadas, desde sempre, falaram em amor heterossexual (Branca de Neve, A Bela e a Fera, Cinderela etc.) e aí tudo bem, certo? Nem importa a idade. Agora, falar sobre amor homoafetivo é falar sobre sexo, moral/imoral etc. Ah, a hipocrisia, essa velha conhecida.

3



miracleman

12/04/2016 15h30

Quer dizer que até os 10 anos de idade uma criança deve ser 'preservada' e por tabela, passar todo esse tempo vendo apenas papai e mamãe como símbolos de amor/união e família. Aí, com a cabecinha já meio formada, ser apresentado ao mundo com o seguinte discurso: olha filho, o NORMAL é que nem aqui em casa, maaaaaaas tem gente que vive de outro jeito. A gente não é contra, mas também não é a favor. E vem dizer que isso não é dar um PRÉ-CONCEITO para a criança?

0



Mari\_S\_

12/04/2016 15h05

Ninguém falou sobre sexo, e sim sobre amor entre duas pessoas. Qual é a sofisticação nisso? E a contradição fica aonde? Se ela for criada entendendo que as pessoas podem se amar independente de cor, credo ou sexo, ela não precisará de nenhuma explicação. Já você, nem com explicação resolveu. Acho útil comprar esses livrinhos ;)

1



magroabc

12/04/2016 14h58

Por que será que crescemos preconceituosos?

0



Guilherme Rangel

12/04/2016 14h39

Você tá querendo dizer que as relações entre duas pessoas do mesmo sexo são imorais ou erradas? Não, não são. E por isso não tem nada demais as crianças entenderem isso desde cedo.  
2

## Quadro 2

### Escolha do editor

Vai perdedores!

12/04/2016 15h33

não creio que abordagem sobre orientação sexual na infância seja algo construtivo na infância. A criança não tem a capacidade de discernir sobre essas preferências, mesmo porque isso não faz parte do cotidiano delas. Será que não seria o caso de levar tais assuntos na adolescência da criança onde efetivamente se descobre sobre o sexo? Porquê antecipar isso? Qual criança na infância se preocupa com isso. No meu entender basta criar crianças dentro de preceitos de igualdade e fraternidade. Vamos deixar as crianças brincarem, estudarem e viver a vida, sem a interferência de pensamentos que no momento não são a realidade deles. Deixe-os amadurecer em sua própria sexualidade. A busca tem que partir deles próprios e não ser uma imposição de qualquer que seja o grupo.

32 Responder Respostas (5)



Misterio isso

12/04/2016 22h52

jsan33 Aquela cena de sexo hétero ao qual você se refere é feita para adultos e não para crianças!!!

0



Veridiana Canas

12/04/2016 19h52

Jsean, também não é normal para a ciência. Crianças nao sao "psicólogas" e opçoes sexuais são "problemas" INDIVIDUAIS. Minha filha não tem, nao precisa e nao é obrigada a saber que "concavo e convexo" são conceitos gramaticais e linguísticos simples e concretos RELATIVIZADOS E PROBLEMATIZADOS pro pessoas que nada tem a ver com a linguística. E DAÍ que as crianças aprendem BIOLOGIA e não a resolver problema dos outros??

5



Vai perdedores!

12/04/2016 17h14

jsan33 criança de 6 ou 7 anos não faz esse tipo de juízo de valores, pois não é a realidade do momento delas. Nessa fase de amadurecimento qualquer imposição de valores é extremamente prejudicial à capacidade de discernimento delas... esse é o problema!!! A família tem sim a obrigação de ensinar valores de respeito, tolerância, amor a diversidade, porém tudo tem seu tempo. Uma galinha não pode ser uma galinha sem antes ser um pinto ou um ovo. O problema do ser humano é que ele quer evoluir cada vez mais cedo. Quanto ao esteriótipo de contos de fada, a maioria data de décadas passadas onde o liberalismo sexual não era difundido. Hoje se discute muito sobre sexualidade e isso é sadio, porém tudo que é exagero, pode se tornar prejudicial. Sabe, a sexualidade é algo tão íntimo das pessoas, que deveria dizer respeito somente a elas e as pessoas que fazem parte do seu universo. Hoje se carrega muito a bandeira da homofobia, da heterofobia, infelizmente

7



Rubens Vital

12/04/2016 16h26

Porque querem tirar dos pais o direito de ensinar os filhos. Mas não conseguiram, e repito, os pais não permitiram.

10



jsan33

12/04/2016 16h06

engraçado é que o amor heterossexual nos contos de fada infantis não tem nada demais ou sequer é relacionado a sexo ou imoral. Mas uma história com amor homoafetivo já é visto como sexual ou imoral. Se isso o que você falou fosse seguido a risca, A maioria dos contos infantis não poderia ser lido para as crianças, não poderia assistir qualquer conteudo que tivesse um romance no foco, pois isso influenciaria as crianças orientação sexual. Uma coisa engraçada que vi recentemente é um autor de novela falar "Odeio história de bicha. Pode existir, pode aceitar, mas não pode transformar isso em aula para as crianças. " mas no primeiro capítulo da novela bota uma atriz nua e cenas torridas de sexo. Mostrar mulher nua e sexo hetero é normal, mas cenas gays não é normal para as crianças.

1

Assim, com base em Amossy (2017, p. 169-172), selecionaremos, a partir dos dois quadros anexados acima, alguns trechos de violência verbal interpostos pelos atores sociais contrários à notícia publicada pelo jornalista Rodrigo Casarin e aqueles comentários antagônicos aos atores sociais que interpuseram contradiscursos aos seus. Dessa forma, pretendemos exemplificar como o discurso violento se apresenta no confronto de teses:

#### A. Coerção do outro quanto à exposição de um ponto de vista:

**Maíra Capella:** “mas crianças não têm ainda condições de entender conceitos sofisticados, inferir nem conhecer as diferenças entre o que é moral, imoral, certo, errado etc. Não se dá uma explicação longa e cheia de elementos contraditórios sobre sexo, por exemplo, a uma criança de 6 ou 7 anos. Tudo tem seu tempo e o amadurecimento deve ser espeitado.” (S/C)

**Vai perdedores!:** “não creio que abordagem sobre orientação sexual na infância seja algo construtivo na infância. A criança não tem a capacidade de discernir sobre essas preferências, mesmo porque isso não faz parte do cotidiano delas. Será que não seria o caso de levar tais assuntos na adolescência da criança onde efetivamente se descobre sobre o sexo?” (S/C)

**Vai perdedores!:** “jsan33 criança de 6 ou 7 anos não faz esse tipo de juízo de valores, pois não é a realidade do momento delas.” (S/C)

**Análise:** observa-se a contraposição através da conjunção coordenada adversativa “mas” e o uso excessivo do advérbio de negação “não”.

#### B. Desconsideração do posicionamento contrário:

**Vai perdedores!:** “Uma galinha não pode ser uma galinha sem antes ser um pinto ou um ovo.” (S/C)

**Análise:** tem-se aqui uma alusão ao desenvolvimento para desconsiderar o posicionamento de que crianças podem ter acesso ao universo LGBT. Além disso, o *nick name* do ator social que profere o discurso atribui ao outro que seu argumento é o correto.

**C. Ataque ao oponente sob acusações de interesses pessoais e planos secretos:**

**Vai perdedores:** “Porquê antecipar isso?” / “Vamos deixar as crianças brincarem, estudarem e viver a vida, sem a interferência de pensamentos que no momento não são a realidade deles. Deixe-os amadurecer em sua própria sexualidade. A busca tem que partir deles próprios e não ser uma imposição de qualquer que seja o grupo.” (SIC)

**Análise:** percebe-se aqui o subentendido como acusação velada compreendida mais pelo contexto do que pelas marcas linguísticas. Todavia, o uso frequente do verbo em sua forma nominal no infinitivo denota tal marca.

**D. Assimilação da opinião contrária como um mal absoluto ou demonização:**

**Rubens Vital:** “Porque querem tirar dos pais o direito de ensinar os filhos. Mas não conseguiram, e repito, os pais não permitiram.” (SIC)  
**Vai perdedores!** “Hoje se carrega muito a bandeira da homofobia, da heterofobia, infelizmente” (SIC)

**Análise:** temos o advérbio de negação como contraponto à educação e um advérbio de modo como opinião contrária à noção de homofobia. É citada, todavia, a “heterofobia”, porém esse termo é utilizado mais para se contrapor à bandeira contra a homofobia.

**E. Agressividade configurada pela emoção impregnada por meio do léxico, da sintaxe ou da prosódia:**

**Vai perdedores:** “Nessa fase de amadurecimento qualquer imposição de valores é extremamente prejudicial à capacidade de discernimento delas... esse é o problema!!!” (SIC)  
**Veridiana Canas:** ‘...opções sexuais são "problemas" INDIVIDUAIS. Minha filha não tem, não precisa e não é obrigada a saber que "concavo e convexo"...' (SIC)

**Análise:** além das palavras com valor semântico ligadas à emoção, temos o uso das exclamações, caixa alta e aspas como marcas multimodais, dentro da perspectiva de Kress (2010).

**Análise a partir das Estruturas do Discurso de van Dijk**

Com relação ao *corpus* apresentado e a riqueza de possibilidades de análises a partir das Estruturas do Discurso de van Dijk, selecionamos dentro das Categorias de Contexto o Cenário e, atrelados a ele, o tempo, o lugar, as circunstâncias e o tipo de meio de comunicação. Perceberemos, portanto, as condições que possibilitaram uma construção discursiva polarizada.

Primeiramente, ao considerarmos o aspecto em que o cenário para a discussão fora aplicado, perceberemos que o tempo<sup>12</sup> da publicação da notícia jornalística representava forte polarização política, visto que o deputado Jean Wyllys se encontrava em plena oposição ao processo de *impeachment* da presidenta Dilma Roussef, finalizado em agosto de 2016. Naquele momento, havia forte embate entre o nome do deputado e as correntes conservadoras do país, que o acusavam corriqueiramente de ser um doutrinador em benefício da homossexualidade, inclusive com inúmeros *Fake News* atribuídos em seu nome. O contexto político atrelado à temática *gay* favoreceu a construção de modelos mentais da gama da população mais conservadora de que havia uma conspiração “gayzista”<sup>13</sup> atribuída aos militantes LGBT.

Ao pensarmos na condição do lugar<sup>14</sup> da produção discursiva, chegaremos à interpretação de sua indeterminação, o que permite a aplicação de discursos mais contundentes e afirmativos, sem, contudo, estarem necessariamente atrelados no ato do discurso a embasamentos teórico-científicos. Levaremos em consideração aqui somente o tipo e meio da produção discursiva: o comentário dentro do espaço midiático. Além disso, esse tipo de lugar impossibilita o embate face a face, o qual, pela circunstância criada, permite a esses atores sociais o mascaramento da própria identidade. Assim, afirmações de caráter científico são introduzidas no discurso como forma de argumentação para a tomada da dominância discursiva no embate polarizado, conforme fragmentos abaixo:

“...crianças não têm ainda condições de entender conceitos sofisticados, inferir nem conhecer as diferenças entre o que é moral, imoral, certo, errado etc”.

“Não se dá uma explicação longa e cheia de elementos contraditórios sobre sexo, por exemplo, a uma criança de 6 ou 7 anos.”

“A criança não tem a capacidade de discernir sobre essas preferências...”

“No meu entender basta criar crianças dentro de preceitos de igualdade e fraternidade. Vamos deixar as crianças brincarem, estudarem e viver a vida, sem a interferência de pensamentos que no momento não são a realidade deles. Deixe-os amadurecer em sua própria sexualidade. A busca tem que partir deles próprios e não ser uma imposição de qualquer que seja o grupo.”

“Porque querem tirar dos pais o direito de ensinar os filhos. Mas não conseguiram, e repito, os pais não permitiram”. (SIC)

12 Consideraremos aqui o contexto temporal político e histórico.

13 Neologismo oriundo de grupos conservadores utilizados na Internet atribuído a uma concepção de ideologia totalitária promovida pelo movimento LGBT.

14 Aqui consideraremos o espaço enquanto o fórum para comentários de notícias no espaço midiático na Página Cinco, do site UOL.

### Considerações finais

Percebemos, nos recortes apresentados acima, os interdiscursos violentos com base na concepção de violência verbal de Amossy (2017) e nas Estruturas do Discurso de van Dijk (2016), com relação ao tempo, lugar, circunstâncias, tipo e meio de comunicação, para o uso do discurso como manutenção da dominância heterossexual atrelado à homofobia. Esta de forma velada, foi mascarada por outras justificativas, como a culpa da educação e uma doutrinação pelo grupo LGBT.

A escolha dos comentários negativos à notícia publicada pelo jornalista Rodrigo Casarin foi suficiente para a compreensão dessa proposta de trabalho. Utilizamos o conceito de violência verbal de Amossy e a abordagem sociocognitiva de van Dijk por meio de algumas categorias contextuais relacionadas à Estrutura do Discurso. Dessa forma, propusemos inserir o cunho engajador da ACD nesse artigo, com a finalidade de reforçar um modelo mental mais igualitário e justo para todos os gêneros dentro de nossa sociedade.

Consideramos as produções acadêmicas dentro da ACD sobre a violência verbal produzida contra a comunidade LGBT nos espaços de mídia dentro da sociedade brasileira ainda embrionários, carecendo de um volume ainda maior de estudos e de pesquisas que levarão maior consciência e levantarão mais bandeiras políticas e voz em prol desse grupo minoritário. Portanto, esse trabalho é, assim como outros similares em *corpus* e teorias, pontapés iniciais para uma maior justiça social.

### Referências

AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. coordenação da tradução: Mônica Magalhães Cavalcante; tradução: Rosalice Botelho Wakim Souza Pinto... [et al.]. – São Paulo: Contexto, 2017.

\_\_\_\_\_. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2. ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018.

BALOCCO, A. E. O flaming (ou violência verbal em mídia digital) e suas funções na esfera pública. *Linguagem em (Dis)curso* – LemD, Tubarão, SC, v. 16, n. 3, p. 503-521, set./dez. 2016.

BORGES, C. C.; ROCHA-COUTINHO, M. L. Sentidos para a homossexualidade. In: LARA, G. P.; LIMBERTI, R. P. (Orgs.) *Discurso e (des)igualdade social*. – 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015, 179-199.

CABRAL, A. L. T.; LIMA, N. V. DE. *Argumentação e polêmica nas redes sociais: o papel de violência verbal*. Signo, Santa Cruz do Sul, v. 42, p. 86-97, 2017.

\_\_\_\_\_. *Cognição, discurso e interação*; org. e apresentação de Ingedore V. Kock. – São Paulo: Contexto, 1992.

\_\_\_\_\_. Discurso-cognição-sociedade: estado atual e perspectivas da abordagem sociocognitiva do discurso. *Letrônica*, Porto Alegre. v. 9, n. esp. (supl.), p 8–p.29, nov. 2016.

\_\_\_\_\_. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*; tradução: Rodolfo Ilari. – São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_. *Discurso e poder*; org. Judith Hoffnagel, Karina Falcone. – 2. ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017.

FERRAZ, D. M. Religiões, homossexualidades e as redes sociais: os discursos que circulam. In: TOMAZI, M. M.; ROCHA, L. H. P.; POMPEU, J. C. (Orgs.) *Estudos Discursivos em Diferentes Perspectivas: Mídia, Sociedade e Direito*. – São Paulo: Terracota Editora, 2016, p.81-96.

FIORIN, J. L. O pathos do enunciatário. *Alfa (ILCSE/UNESP)*, São Paulo, v. 48, n.2, p. 69-78, 2004.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 dez. 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. - São Paulo: Edições Loyola, 2004.

KRESS, G. *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication*. London: Routledge, 2010.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SÉRIE de livros com posfácio de Jean Wyllys leva universo LGBTTTT a crianças. Disponível em <http://paginacinco.blogosfera.uol.com.br/2016/04/12/serie-de-livros-com-posfacio-de-jean-wyllys-leva-universo-LGBTTTT-a-criancas/>. Acesso em 04 jul. 2018.

SILVA, R L. da.; NICHEL, A.; MARTINS, A. C. L.; BORCHARDT, C. K. Discursos de Ódio em Redes Sociais: jurisprudência brasileira. *Revista Direito GV*, São Paulo, 7(2), p. 445-468, jul-dez 2011.